

---

## SOCIEDADE UNIÃO OPERÁRIA E A SUA CONTRIBUIÇÃO À FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO OPERARIADO RIO-GRANDINO: UM OLHAR A PARTIR DO JORNAL A EVOLUÇÃO

## SOCIEDADE UNIÃO OPERÁRIA AND THEIR CONTRIBUTION TO THE FORMATION OF THE RIO GRANDINO WORKING IDENTITY: A VIEW FROM THE NEWSPAPER A EVOLUÇÃO

---

Janaina Schaun Sbabo  
Mestranda do PPGH-UFPeL.  
janainasbabo@yahoo.com.br

**RESUMO:** O principal objetivo deste texto consiste na proposição de um estudo sobre a formação da Sociedade União Operária do Rio Grande e a análise sobre a sua ação reivindicatória; além disso, busca-se a sistematização de noções básicas sobre a representação social desempenhada por tal instituição. Para tanto, elenca-se a estrutura econômica como um mecanismo que contribui para a construção de uma análise sobre o processo de industrialização da cidade, em um período que compreende a última década do século XIX e início do XX.

**PALAVRAS-CHAVE:** CDH-FURG. Sociedade União Operária. Formação Operária.

**ABSTRACT:** The main objective of this paper is to propose a study on the formation of the “Sociedade União Operária do Rio Grande” and its vindicatory action and contribute to the systematization of basics topics about social representation performed by such institution. Thus, we list the economic structure as a mechanism that contributes to the construction of an analysis of the process of industrialization of the city, in a period that covers the last decade of the XIX and early XX centuries.

**KEYWORDS:** Industrialisation. Urbanisation. Society União Worker.

### Considerações Iniciais

A história da SUO, por ser longínqua, passou por distintos estágios, devido a fatores de conjuntura externa, influenciados por questões políticas, econômicas e sociais que se faziam presentes no país e no estado.

Com isso, temos em vista que de forma simultânea ao processo de industrialização, ocorreu a recepção de uma quantidade considerável de operários em Rio Grande. Com o

passar do tempo a classe operária foi ganhando contornos mais nítidos à medida que os trabalhadores começaram a se organizar, com o intuito de reverter as péssimas condições de vida que eram a eles oferecidas.

Diante desta perspectiva, as associações mutualistas e as caixas de socorros mútuos são consideradas as primeiras formas de organização pertencentes ao proletariado urbano. Tais recursos tinham por funcionalidade prestar auxílio e ajuda mútua em ocasiões especiais como de doenças, acidentes, velhice ou outros casos que necessitassem de algum tipo de subsídio.

Entre 1870 e 1890, os meios visualizados pelos trabalhadores para confrontar as mazelas sucedidas pelo sistema capitalista de produção foram estas chamadas organizações mutualistas que, por sua vez, multiplicaram-se e evoluíram a ponto de serem reconhecidas como Sociedades de resistência preparadas para conceder auxílio a um grande número de funcionários que as procurassem. Dessa forma, as sociedades mutualistas podem ser concebidas como organizações primitivas, porém, necessárias à formação de entidades com uma configuração mais elaborada. E são estas as etapas de amadurecimento responsáveis por configuraram as formas de luta e o caráter político-ideológico predominantes na estrutura estabelecida pela Sociedade União Operária do Rio Grande, mais especificamente, no último decênio do século XIX, características que foram fundamentalmente influenciadas pelas estruturas econômica e social, que perduravam no cenário nacional e regional, conforme fora detalhado anteriormente.

Contudo, não podemos deixar de salientar a conexão que havia entre a SUO e as demais associações que detinham um maior alcance social; relação esta predominante logo no início de sua estabilização, pois no que concerne à formulação da solidariedade operária em âmbito estadual, em 1906, foi fundada a Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), uma associação que foi, paulatinamente, adquirindo o seu espaço e sendo reconhecida como a principal entidade representativa do Estado, mantendo relações com as regiões brasileiras com maior índice de industrialização, como é o caso do Rio de Janeiro e de São Paulo, e participando de eventos organizados pela Confederação Operária Brasileira, interagindo em questões nacionais e internacionais sobre a melhoria na qualidade de vida do trabalhador urbano e conduzindo à união da classe.

Em âmbito local, a primeira experiência em sistematizar uma corporação operária na cidade, foi dada com a organização da Liga Operária “[...] há matérias em jornais de Pelotas

que noticiam sua instalação em 1892 e apresentam a nominata da diretoria [...]” (PETERSEN, 2001, p. 76), a entidade que teve por duração 5 (cinco) meses, condicionava entre suas convicções a união da classe perante a defesa dos interesses do grupo e a sua cisão levou à constituição de duas facções, sendo que uma delas manteve-se como Liga Operária e a outra articulou a fundação do Centro Operário, este último composto em sua maioria por trabalhadores da fábrica de tecidos pertencente ao Sr. Rheingantz, tendo indícios de que havia, nesta organização, uma relação direta entre operários e empregadores, apontando o estabelecimento de uma débil e fragilizada identidade operária durante esta fase.

### **A fundação da SUO e o seu perfil representativo:**

A decisão de fundação da União Operária, conforme indica o Jornal anarquista *Cultura Proletária*, editado em comemoração ao 1º de maio de 1926, de tiragem única, foi realizada por um número reduzido de operários, sendo o grupo composto de quatro artesãos. O acontecimento, que tem por data o mês de dezembro de 1893, possui como agentes criadores as seguintes designações nominais: Ricardo Jacob Pretz, José Lucas Pereira de Almeida, Antonio Lucas de Almeida e João Oliveira Neves, os quais se reuniram em um período posterior, no dia 24 do corrente mês, estabelecendo assim, as bases do que seria mais tarde reconhecida como uma das instituições representativas de maior expressão do Estado.

É válido destacarmos ainda, que a sua fundação foi oficialmente reconhecida apenas na data simbólica de 1º de maio de 1894 e que este dia fora uma data escolhida pelos trabalhadores no 1º Congresso da Segunda Internacional, aproximando assim, os proletários do movimento operário como um todo, pois as manifestações realizadas neste dia eram uma forma de fomentar a construção da identidade operária, devido à apresentação das demandas e aspirações defendidas pela classe. Tal atitude não passou despercebida em Rio Grande, sendo este um dia muito utilizado e valorizado pela SUO no decorrer de sua atuação, conforme pode ser observado nos livros de presença da entidade, onde há o registro dos nomes dos operários que se faziam presentes nas solenidades organizadas pela SUO, em comemoração a data. .



Imagem I: Fachada das instalações da Sociedade. Acervo fotográfico da União Operária, salvaguardado no CDH-FURG.

Com a fundação desta instituição, que manteve suas atividades até o ano de 1964, sendo interrompidas com a instalação da Ditadura Civil Militar Brasileira com a intervenção do DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social), os interventores afirmavam que a associação era de ordem subversiva, tendo assim que ocorrer a sua extinção.

Apesar disso, no período de sua fundação os trabalhadores passaram por meio da SUO a reivindicar melhores condições em suas ocupações, expressando a necessidade de mudanças na qualidade de vida desses atores sociais, ao mesmo tempo em que provinha uma atenção especial à formação de grupos políticos que sistematizassem suas reivindicações que, por sua vez, passaram a representar um percentual elevado entre a população economicamente ativa no município. Sobre a configuração física e política da instituição, Petersen diz o seguinte:

Instalada no número 31 da Rua General Bacellar, era uma sociedade “socialista em toda sua lei”, que permanentemente conclamou os operários para sua união e participação na luta comum contra o capitalismo. Foi elaborando a idéia da necessidade da criação de um partido político dos trabalhadores e de eleger representantes socialistas para as câmaras como a única maneira de defender o operariado da “política da burguesia” (PETERSEN, 2001, p. 80).

Neste mesmo encontro de 1893, foi ressaltado que a entidade teria a finalidade de aguçar o sentimento de fraternidade entre a classe; porém, a falta de homogeneidade ideológica corrobora para o desenvolvimento de divergências internas e, com isso, dificulta a formação de instrumentos que orientassem o movimento operário em Rio Grande, sobre esta concepção, Schmidt, ressalta:

O tipo de socialismo ali vigente naquele momento, no qual se enfatizava a necessidade da criação de um partido político dos trabalhadores a eleição de representantes socialistas para os parlamentos como forma mais adequada de defender os operários da política burguesa. Entretanto, a introdução do socialismo não eliminou a heterogeneidade ideológica presente na Sociedade (SCHMIDT, 1999, p. 153-4).

A posição adotada por seu primeiro estatuto (1903), perante o posicionamento partidário dos filiados, reflete a liberdade que era atribuída a eles no que tange às suas escolhas ideológicas, mas não seria consentida aos mesmos a possibilidade de efetuarem propagandas ou mesmo discursos desta categoria no interior da entidade, visto que o decreto determinava a proibição de realizarem difusões político-partidárias dentro da sociedade ou em nome da mesma.

Apesar de sua ligação com as duas destacadas atividades dos militantes socialistas do período: o Primeiro Congresso Operário, evento empreendido em 1898, em Porto Alegre e a criação do Partido Operário, instalado em Rio Grande, em 1º de maio do mesmo ano, não é tarefa simples delimitarmos uma definição político-ideológica à União Operária, tendo em vista a existência de conflitos internos que impediam o crescimento da luta proposta pela entidade, além de expressar dificuldades na realização de mobilizações entre a categoria.

Nestes anos iniciais do movimento operário em Rio Grande e, principalmente, de estruturação da SUO, é imprescindível citarmos o nome de José Guedes Coutinho, pois ninguém melhor que uma liderança que viveu, conheceu e que teve contato com a realidade e com as péssimas condições de trabalho nas fábricas, para ter a sua participação aqui relatada.

Um militante de origem portuguesa, que tinha entre seus objetivos, propagar entre os demais trabalhadores, os ideais socialistas, seja por meio de seus discursos ou mesmo dos escritos em jornais por ele organizados, Coutinho atuou em Rio Grande, sendo um dos fundadores do Partido Socialista, em 1898, circunstância que deixou ainda mais demarcada a heterogeneidade política no interior da SUO. Conforme indica Schmidt:

É importante destacar igualmente a presença combativa do grupo socialista interessado em constituir a partir da União um partido para a defesa dos trabalhadores. Apesar das resistências de alguns sociais, este objetivo efetivou-se na criação de um efêmero Partido Socialista que participou das eleições municipais de 1898 e 1900, sendo derrotado nas duas ocasiões,

possivelmente devido à fraude eleitoral que campeava na I República (SCHIMIDT, 1999, p.156).

O militante em questão, além de ter lutado pela formação de um grupo socialista na cidade, exerceu também, atividades na Fábrica Rheingantz, participou da fundação da União Operária e desempenhou ações em torno do jornalismo e da arte de ensinar; acreditava que a instrução dos operários era uma prática que deveria ser preservada e considerada uma arma contra a opressão burguesa.

O decênio de 1910 foi marcante para a história da SUO, por se tratar do período em que houve a saída de Coutinho, provavelmente, movido por desavenças internas (SCHIMIDT, 1999), perdendo assim, a participação de um dos protagonistas do movimento operário rio-grandino.

No que concerne à organização de sua diretoria, o estatuto aponta que a estrutura administrativa era composta por: Presidente, vice-presidente, dois tesoureiros, dois secretários, dois procuradores e um bibliotecário, sendo o mandato com duração de um ano com a possibilidade de reeleição. A mesma diretoria deveria enviar mensalmente ao conselho consultivo um relatório, descrevendo as atividades realizadas durante o período, bem como chamar reuniões extraordinárias, a fim de discutir questões relacionadas ao operariado urbano. Já, as assembleias deveriam ser convocadas com cinco dias de antecedência, com o envio de uma carta de aviso a cada sócio da entidade.

No desenrolar das duas primeiras décadas de sua instituição, a entidade passou a prestar auxílio aos sindicatos que se mantinham sob alguma organização específica no interior das fábricas, ou seja, funcionando como um ponto de referência aos assuntos ligados à organização operária, mas sem se envolver na gestão dos sindicatos, pois conforme indica o seu estatuto, estas associações deveriam manter-se independentes. Contudo, houve o surgimento de outras associações trabalhistas, durante o período de 1910 e 1920, aspectos citados por Loner:

Nos primeiros anos do novo século, ocorreu o surgimento de novas associações operárias, tanto de caráter classista, quanto recreativas ou beneficentes. Nessa década, houve uma maior organização das categorias de serviços portuários, que até então estavam desorganizadas, [...] (LONER, 2000, p. 124).

E são estas organizações recentes que irão atribuir uma nova configuração ao movimento operário urbano, demonstrando uma real dependência com União Operária, já que a mesma irá auxiliar na formação e manutenção de tais composições sindicais, tanto no que tange ao empréstimo de seu salão, como também, nas atividades escolares por ela praticadas.

Entre os sistemas de apoio estabelecidos pela entidade, temos a chamada Caixa de Amparo Social Mútuo, a qual acionava formas de restringir as necessidades do operariado; contudo, o beneficiário deveria passar por alguns requisitos para que fosse contemplado com o auxílio, exigia-se que o associado fosse maior de 14 anos, que tivesse registrado 18 meses de contribuição à Caixa e boa conduta, tanto no momento em que estivesse no ambiente de trabalho como nos horários disponibilizados ao seu lazer e de sua família, não sendo a ele permitido também o jogo a dinheiro ou fora da hora estipulada pela SUO, ou seja, a conduta de cada sócio era firmemente fiscalizada e controlada. E seria este o papel do Estatuto, de procurar normatizar a relação entre entidade e o movimento operário local.

Ainda quanto às especificidades indicadas pela União Operária os operários tinham a obrigação de estarem em dia com as contas deste órgão assistencialista, pois a contribuição mensal ajudava a manter as atividades culturais como os ensaios e a realização dos espetáculos teatrais, este último mecanismo salientado, não atingia somente o trabalhador em si mas, também, a sua família que assistia às apresentações; para isso era considerado um eficaz veículo de conscientização.

Dessa forma, por meio do intitulado Grêmio Lyrico Dramático, que entrou em cena pela primeira vez no ano de 1902, no Teatro Sete de Setembro, sendo conduzido e direcionado pelo militante Raphael Ferrer. Este grupo artístico, contava com o auxílio da imprensa para noticiar e tornar públicas as suas apresentações, um exemplo, é o destaque atribuído à peça “A Tomada da Bastilha”, que fora representada em 14 de julho de 1934, nas dependências do salão da SUO, assim, o jornal *A Evolução* faz o seguinte pronunciamento sobre a peça:

A 14 de julho realizará esse apreciado gremio, no palco-salão da S. União Operaria, a um grandioso festival, com a conhecida e sempre applaudida peça. – A Tomada da Bastilha.

Como se vê o dia 14 de julho se aproxima e com elle a ansiedade dos freqüentadores daquelle recinto proletario, em apreciarem aquella peça, por esse gremio, que conta com bons elementos para o seu bom desempenho.

Além deste meio, havia a articulação de palestras aos sócios e a conservação dos materiais que poderiam ser a eles disponibilizados, entre os quais destacamos a biblioteca da Sociedade que, por sua vez, salvaguardava títulos de diversos gêneros literários e científicos, citamos: romances, manuais técnicos, almanaques, livros sobre correntes teóricas, entre os quais citamos o positivismo e o socialismo, disponibilizava ainda, uma sala de leitura, além de um espaço que abrigava reuniões de diversos sindicatos que não possuíam sede própria. Nestes encontros eram debatidas as mais variadas questões de ordem pública, como: assuntos econômicos, direitos do trabalhador e higiene pessoal.

Perante a organização desta nova fase, importante ter em vista que as necessidades dos trabalhadores são múltiplas e que no momento em que trabalhamos com movimento operário, constatamos que há preocupações entre o proletariado que busca, acima de tudo, a subsistência de sua família, e estas inquietações envolvem a questão do salário, construção de moradias, entre outros fatores, que implicam o estabelecimento de melhorias na qualidade de vida dessas pessoas; no entanto, torna-se interessante notarmos um aspecto novo, e este diz respeito ao valor atribuído à instrução do trabalhador e de seus filhos, já que consideramos a capacitação cultural do proletariado urbano como o caminho para a formação da identidade operária perante a coletividade. Com isso, se fez necessário a presença e a utilização de mecanismos que possibilitassem ao mesmo obter contato com materiais dispostos a atribuir esta qualificação para que, dessa forma, haja a sua emancipação e a superação da ordem social até então vigente.

Com este destino a SUO propõe, em 1894, o desenvolvimento de atividades educacionais aos associados e seus familiares. No ano seguinte, a entidade organiza-se a ponto de refletir o crescimento deste processo educacional, pois as fontes demonstram que a escola prestava atendimentos durante o dia e também pela noite, recebendo alunos dos dois sexos, reforçando a concepção de que ela era a principal corporação com esta funcionalidade, de coordenar a organização do proletariado no município, juntamente com o seu caráter disciplinador e de controle perante o trabalhador, corroborando com a ideia de que o proletariado não possuía a capacidade de organizar-se de maneira independente, sendo necessário concentrar a direção do movimento nas mãos de uma entidade que fosse



representada pelos companheiros de maior domínio teórico e considerados detentores de significativa formação educacional.

Assim, diante de uma conjuntura educacional, em que a instrução escolar ocorria em ambientes privados e permeados por questões religiosas, o ensino acionado pelos próprios trabalhadores foi uma ação pioneira, visando ao desenvolvimento cultural da população operária e agindo como uma fundamental arma de transformação social. Porém, em seu cotidiano, as atividades pedagógicas possuíam uma rigorosidade, sendo consideradas ações tradicionais, pois o controle do tempo e o deslocamento dos alunos eram rigidamente inspecionados por um monitor, conforme indicam os relatórios presidenciais da entidade aqui analisada.

Tendo sido gestada nos primeiros anos da República, consideramos que a década de 1910 fora de suma relevância para a SUO, principalmente, no que concerne à sistematização de greves e à concentração da massa trabalhadora na defesa de um mesmo ideal, possibilitando, dessa maneira, o avanço do aparato sindical na região. Principalmente, por se tratar de um período marcado pelo surgimento de organizações sindicais configuradas sob os moldes estipulados pelos trabalhadores do porto, as quais possuíam relação direta com a SUO. Entre tais denominações temos a União dos Trabalhadores da Estiva (UTE), que era a de maior alcance social, mas durante as manifestações por ela praticadas, tivera as suas dependências depredadas e seus militantes perseguidos. Além da UTE, entre as categorias ligadas à estrutura portuária, havia, ainda, a Sociedade União dos Trabalhadores em Prancha, era uma associação dos Remadores e Marinheiros do Rio Grande, a qual havia sido fechada durante as perseguições ocasionadas pelas greves de 1919 e 1921.

Além destas instituições relacionadas ao porto, as mobilizações foram sancionadas a partir de outros arranjos sindicalistas, como é o caso da Associação dos Empregados no Comércio, dos Trabalhadores da Viação Férrea, da Sociedade União Gráfica e da Federação dos Condutores de Veículos, associações organizadas no interior da SUO.

Entretanto, com a Primeira Guerra Mundial, a partir de 1914, as condições econômicas foram agravadas, aspecto que acabou por refletir na elevação do custo de vida da população, desemprego e prejudicando o abastecimento do mercado interno. Este fenômeno gerou consequências, as quais motivaram o surgimento de paralisações mobilizadas por diversas categorias de Porto Alegre e do interior. Estes acontecimentos realizaram algumas

modificações, aspecto que acabou refletindo na atuação da SUO face a este cenário, e foi este afastamento da entidade que contribuiu para a formação de novas organizações, como é o caso da União Geral dos Trabalhadores (UGT), composto por um grupo que não possuía espaço definido no interior da SUO e que, por sua vez, detinha um viés político já determinado.

A entidade, reconhecida como anarquista em sua plenitude, teve a incumbência de comandar as greves gerais de 1918 e 1919 (que tivera por motivação a luta pela conquista das 8 horas de trabalho e o aumento salarial) e consolidar este aparato ideológico por ela defendido. Com isso, notamos que a instituição de uma associação anarquista em Rio Grande se deu de forma atrasada, se formos comparar com as organizações já existentes em cidades como Porto Alegre e Pelotas.

A partir da sua fundação, a UGT passou a representar o operariado no município até o ano de 1921, haja vista a falta de orientação atribuída pela SUO até então, no sentido de organização classista. A entidade (UGT) teve suas atividades interrompidas, sujeitando-se à forte repressão atribuída ao movimento dos trabalhadores durante o segundo decênio do século XX, acontecimento responsável pelo desaparecimento de uma grande quantidade de associações em todo o Brasil.

Algumas categorias possuíam gestões comprometidas com a causa por elas defendidas, apresentando organizações de proporções elevadas; por outro lado, havia casos, em que as entidades tinham as suas atuações presentes no cenário rio-grandino por um tempo mais curto. Em geral, estas associações foram fundadas durante o período das greves mais significativas, nos anos de 1918 a 1920.

Durante as greves, entre os discursos propagados pelas lideranças operárias, é possível visualizarmos a compreensão e conscientização dos militantes perante o sistema de exploração da mão de obra imposta pelo empresariado, tendo eles a percepção de que o seu trabalho era essencial para a manutenção do sistema capitalista.

Apesar disso, esta apreensão seria uma consequência do reconhecimento do operariado como sujeito pertencente a uma coletividade, contrapondo-se à unidade do trabalhador requerida pela individualidade burguesa, um fenômeno que dificultaria a formulação destas estruturas grevistas, por se tratar deste ser o único instrumento eficaz de luta contra a carestia e a exploração praticadas pelos patrões e pelo Estado. Estes últimos

idealizavam o sentido de trabalho segundo a perspectiva do bom trabalhador ter um comportamento pacífico e sujeito ao bom comportamento no interior do sistema produtivo (a fábrica), atribuindo ao trabalhador indisciplinado a culpa pela pobreza a qual está submetido, defendendo o pressuposto de que os operários mais inteligentes poderiam atingir o ápice da relação capital-lucro, chegando à condição de proprietários, conferindo a eles a concepção individualista característica do capitalismo.

Verificamos, assim, que para construir uma identidade coletiva, é necessário delimitarmos o campo de atuação, e esta demarcação depende do reconhecimento dos semelhantes e dos diferentes sujeitos que compõem a sociedade. Seguindo este viés de análise, temos a figura do burguês, que é por sua vez, proprietário do sistema produtivo como a oposição mais visível, e é o sentido de solidariedade entre os operários que deveria estar presente no momento em que houvesse a sistematização de qualquer movimento grevista, seja ele em âmbito local, regional ou nacional.

Em 1920, houve a proliferação de manifestações grevistas no espaço portuário, acompanhadas por intervenções policiais, fazendo com que os trabalhadores da cidade do Rio Grande passassem por um período turbulento e conflituoso, principalmente, no que concerne à composição de atividades como estas, de cunho reivindicatório, isto decorre do forte aparato repressivo que se instala na região, aspecto que atribui dificuldades e impedimentos à organização do movimento, como é o caso das greves gerais que surgem no cenário nacional durante o período, sendo sistematizado um retrocesso no movimento mediante o fechamento de muitas associações.

Para a União Operária a problemática não foi diferente, tendo de presenciar crises políticas que até então não havia, pois além da contenção policial, a proliferação do anarquismo entre os trabalhadores da cidade motivou a instalação de um desequilíbrio, juntamente com a disputa destes pela diretoria da Sociedade.

Na década seguinte, o estado de inércia da entidade começou a ser modificado em passos lentos, visto a retomada de um grupo com perfil radical em sua Direção, a qual passou a orientar e organizar os sindicatos e as demais reivindicações operárias na cidade, ou seja, desempenhando a mesma função a ela atribuída no ano de sua fundação; tal constatação pode ser verificada no momento em que observamos o entrelaçamento configurado entre as

organizações trabalhistas e a própria associação, além de haver o surgimento de um jornal com este objetivo, o de revitalizar a SUO.

Atualmente, a circulação da grande imprensa está vinculada à repercussão da informação de maneira diversificada, mas entre o final do século XIX e as décadas iniciais da centúria seguinte, ela era marcada pela produção jornalística por meio de periódicos menores que abordavam gêneros mais específicos e, se tratando de uma folha operária, geralmente, este aspecto é ainda mais visível e existia uma ligação com os interesses de alguma associação reivindicatória.

A partir de 1930, a SUO presenciou um processo marcado pela busca de sua própria revitalização, sendo assim, reconhecida como a principal associação operária do Rio Grande. Contudo, esta demanda manteve-se frente à bagagem político-ideológica adquirida no decorrer de sua frágil existência e em consonância com o refluxo pelo qual a mesma passou. Com isso, o ano de 1934 foi marcante, pois estava em consonância com tal intento, já que durante este período tem-se o surgimento do jornal *A Evolução*, periódico que pode ser concebido como um caminho para a contemplação do objetivo, que era atingir o sentido de representatividade, atuando na luta pelos interesses dos trabalhadores.

Aqui podemos perceber tanto a afirmação das funções sociais atribuídas ao jornal, como também, o indicativo do posicionamento que deveria ser adotado pela massa trabalhadora, no que tange à defesa do periódico, uma vez que a folha se propunha a agir como um escudo perante os interesses da classe, ao mesmo tempo em que atribuía ressignificação do trabalho e a sua valorização, em um período onde o mesmo era considerado uma forma de legitimação social.

Pensando a partir desta relação de convivência previamente estabelecida entre os indivíduos, citamos o surgimento da SUO como uma consequência do processo de crescimento econômico e da sistematização de relações que acabam por afirmar a identidade coletiva, gerando por meio destes procedimentos, a criação de um recurso eficaz na proliferação dos ideais que norteiam o movimento operário, como é o caso, de uma folha de cunho reivindicatório, já que além de uma Sociedade operária, a criação do jornal foi um poderoso instrumento na edificação do movimento, pois depois de um acentuado desempenho das lutas dos militantes no início do século XX e certo refluxo da SUO durante os anos de 1920, percebemos uma recomposição do movimento, com a participação desta Sociedade.

## Considerações Finais:

As transformações econômicas e sociais que ocorreram no final do século XIX e período inicial do século XX foram responsáveis por caracterizar a estrutura social e econômica da cidade do Rio Grande, aspectos que podem ser observados cotidianamente no interior do município.

Contudo, observamos por meio deste estudo que o processo de crescimento ocorreu em pontos distintos do país, mas sem deixar de salientar o papel de destaque atribuído à cidade, principalmente no que concerne às mudanças em seu espaço físico, além das relações sociais que permeiam tal sociedade, destacando a Sociedade União Operária como um reflexo dessa configuração, instituição que objetivava sistematizar a construção da identidade operária entre os trabalhadores da cidade, funcionando como um suporte ao operariado, em um período em que o trabalho era sinônimo de legitimação social.

Dessa forma, após o contato com as fontes, entende-se que para analisarmos os veículos utilizados pela Sociedade União Operária do Rio Grande na construção da identidade operária, se faz necessário contextualizar o período em que houve a formação da SUO, e o momento em que o proletariado a reconheceu como entidade máxima de representativa no município. Seguindo este enfoque, analisamos o jornal *A Evolução* e a sua atuação no cenário rio-grandino, durante o ano de 1934, além de termos historicizado a fundação de sua entidade, a qual é considerada uma das instituições de maior relevância do Estado, posição adotada nos anos iniciais, mas que com o decorrer do tempo e as motivações externas acabara por perder o seu espaço.

Porém, a década de 1930 desenrolava-se, conjuntamente, com a formulação da legislação trabalhista, momento em que a entidade implantou medidas para a sua revitalização e que começa a se adaptar a estes acontecimentos, e é perante este contexto que a folha operária *A Evolução* entrou em cena.

Enfatizamos, ainda, o perfil político-ideológico da União Operária e concluímos que a instituição possuía um caráter diversificado e sem consistência, aspecto acompanhado pelo periódico no momento em que foi alicerçado, pois mesmo que houvesse entre os seus

elaboradores sujeitos adeptos da corrente comunista, o jornal não se assumia como tal, visto as perseguições que se afirmavam por parte do governo.

Enfim, o trabalho expôs alguns demonstraram a funcionalidade atribuída à SUO, enquanto entidade comprometida com a estabilização da consciência operária entre os trabalhadores do Rio Grande. Para isso, analisamos os folhetins publicados no ano de 1934 e o seu Estatuto, que data de 1938.

Como o próprio título do trabalho esclarece, buscamos reconhecer os principais mecanismos utilizados pela SUO na construção da Identidade Operária entre os trabalhadores da cidade do Rio Grande, contudo, ao presente texto é possível atribuir críticas, já que outros elementos podem ser inseridos nesta linha de pesquisa, a qual contempla a Sociedade União Operária do Rio Grande e o jornal a ela relacionado. Com isso, esperamos ter contribuído para o avanço nas pesquisas em torno da representação operária e História da Imprensa na cidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

LONER, Beatriz Ana. **Construção de classe:** operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930). Pelotas: UFPel, 2001.

MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande:** industrialização e urbanidade (1873-1990). Rio Grande: Editora da FURG, 2006.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. **"Que a união operária seja nossa pátria":** história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Porto Alegre: Editora Brasiliense, 2001.

SCHMIDT, Benito Bisso. **A diretoria dos espíritos da classe:** A “Sociedade União Operária de Rio Grande” (1893-1911). Cad. AEL, v.6, n.10/11, 1999.

#### FONTES:

**A Evolução,** Rio Grande, 1934.

\_\_\_\_\_. 1935.

\_\_\_\_\_. 1936.

\_\_\_\_\_. 1937.

\_\_\_\_\_. 1938.